

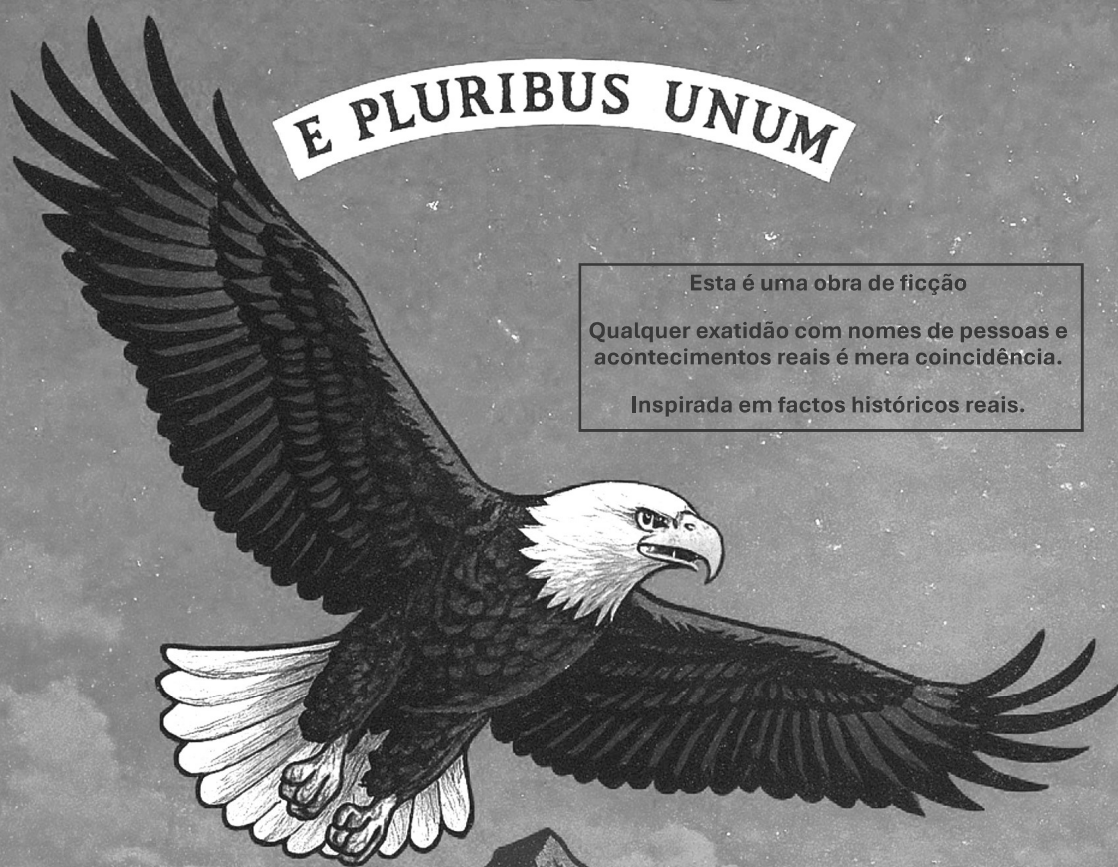
O VOO DA ÁGUIA

E PLURIBUS UNUM

Esta é uma obra de ficção

Qualquer exatidão com nomes de pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Inspirada em factos históricos reais.



Virgílio Machado



Índice

“E PLURIBUS UNUM”	 7
O “BEM FICARÁS!”	 15
O VERMELHO DE RHODE ISLAND	 21
SOL AMARELO NO DESERTO	 33
GIBRALTAR	 51
INTERVALO	 59
O VOO DA ÁGUIA (PRELÚDIO)	 69
O VOO DA ÁGUIA (REALIZAÇÃO)	 81
AÇORES	 91
GUERRA E PAZ	 105
BRANCO DE LISBOA E RENOVAÇÃO	 115
O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO	 123



“E PLURIBUS UNUM”

28 de fevereiro de 1864. Mau tempo no canal. Mais uma vez! Na denominada Terceira de um arquipélago de ilhas atlânticas, uma tempestade violenta fabricava no mar uma fúria de elementos. Os deuses tinham-se revoltado mais uma vez, diziam as mentes humanas assombradas! Num estreito sulcado pelo oceano, uma pequena embarcação de cabotagem e seus tripulantes estão no limite. Alguns lutam pela sobrevivência. Outros já tinham caído ao mar e perecido. E mercadorias perdido.

A esperança residia em terra. No auxílio que os pescadores da Praia da Vitória pudessem prestar. O telégrafo ótico instalado na Serra de Santiago dava o sinal. O alerta! O pedido de ajuda! A embarcação vinha na rota de navegação de Angra do Heroísmo e aqui feito escala, após partir de Gibraltar. Mas tinha escolhido uma data infortunada para sua navegação.

A praia é sempre um lugar ambíguo. Híbrido entre a terra e o mar. As suas fronteiras alteram-se permanentemente, oscilando diariamente em função das marés. Pode ser um espaço de libertação, mas também de potencial salvamento. Não imaginamos uma praia como um território militar; talvez como ponto de embarque ou espaço de lazer, porventura mais valorizado quanto isolado. Não se vive na praia, mas pode morrer-se lá.

A Praia da Vitória, na ilha Terceira, Açores é uma exceção nas praias portuguesas. Tem um nome único, exalta uma ação de triunfo, feminina no substantivo, invocando a memória de uma batalha ali ocorrida em 11 de agosto de 1829. Na última denominada guerra civil portuguesa, forças miguelistas, nos seus intentos de desembarque, foram derrotadas pelos liberais. Em dia de névoa cerrado. Os primeiros deviam ter sabido que, com nevoeiro, a esperança é fiasco.

O Voo da Águia

Os Açores também são uma outra exceção na marítima Lusitânia. Por constituírem um arquipélago de nove ilhas perdidas num meio de um oceano, sim! Outrossim por terem uma beleza natural sem igual, na combinação do verde da terra com o azul do mar ou seus lagos interiores, dispondo-se o negro vulcânico a servir de permeio entre os dois e a vigiá-los do seu alto, como sentinela ativa.

Mas a sua maior excentricidade, é estar associado a uma maravilha da natureza, o voo libertador de uma ave que, mais que de rapina, é caçadora. Experiente nos voos em círculo sobre suas presas e atenta aos movimentos dos peixes, do sol, das estrelas, das marés e dos ventos. Ei-la, o açor, a ave que denominou e deu sentido ao arquipélago Açores e que convidou os marinheiros portugueses à sua descoberta, à quebra do seu isolamento, enquanto ilhas, abrindo aos homens o caminho para que fossem visitadas.

Curiosa ironia. Se um nome se associa tanto a uma vida animal, porque transformaram os portugueses alguns dos seus recantos em tudo aquilo que de mal se faz entre os homens, como guerras, mortes ou destruições, reclamando os vencedores a glória das batalhas ocorridas? A vitória de causas políticas, tão efêmeras e transitórias perante a perenidade e durabilidade da natureza....

A Praia da Vitória estava nessa condição. Mas, afinal, que glórias se invocam nestes mares? As de bastião na resistência aos Filipes de Espanha na crise de 1580 e de lealdade à independência de Portugal, então frustrada e perdida? A da referida batalha de 11 de agosto, mais um momento da ultima trágica guerra civil entre portugueses? Com mortos e prisioneiros de ambos os contendores? Em 1829, faltariam ainda cinco anos de guerra para o seu desfecho final. Que vitória se poderá exaltar? Aquela que se narra neste livro, desconhecida, ainda, na História!

Naquele dia, a glória foi outra. E a que é mais importante, afinal. O apoio mútuo, o amor pela espécie, o gene identitário que liga cada um de nós a cada um dos outros humanos e que compõe a maior realização da História, a Humanidade. Os pescadores da Vitória, no respeito das suas tradições, crenças e costumes, na sua genética habituados às velhas associações de confrarias medievais, de auxílio, ajuda e assistência ao infortúnio fizeram do passado, força presente e acudiram.

“E PLURIBUS UNUM”

Eis o “*E Pluribus Unum*”, o todos por um ou a partir de vários, um só espírito. Fez despertar a ajuda necessária dos solidários pescadores, experimentados naquela enseada, nos riscos e perigos da navegação no estreito, na missão temporária de salvamento que os uniu naquele momento. Mas iria existir um caldo de surpresas, intrigas e mistérios em marcha!

Os deuses Atlantes, visualizando tudo o que se passava no seu oceano, sorriram do seu alto poder perante a fragilidade humana! Mal sabiam esses pescadores naquele dia de 1864 que o mundo já tinha estado unido em pangeia. E que eles, com seus poderosos braços, na sua força hercúlea deificada, levantaram, emergiram e sustentaram o mar Atlântico para dividir a Eurásia da América, separando-os em dois continentes distintos.

Todavia, no seu esforço, descuidaram pequenas parcelas de terra que caíram da terra desfeita e que ficaram como resíduos daquela união. Ficaram irritados, em especial, com alguns troços mesmo a meio daquele mar. Ilhas, como lhe chamariam depois os humanos. Que se denominaram justamente os Açores. Descontentes, pois tais pedaços constituíram um insucesso relativo do seu trabalho, um convite ao Homem para unir aquilo que eles tinham desunido.

Assim, nessas ilhas projetaram climas, tempestades, ventos e mares oceânicos revoltosos para contrariar a navegação humana entre elas e os continentes que separaram. Elevaram picos e serras, com terras caldosas e vulcânicas prontas a destruir pelo fogo o que os homens cultivassem e erigissem. Criaram fraturas submarinas geológicas em fricção permanente e tectónica para tremer a terra quando fosse necessário. Tudo fizeram para expor a espécie humana à dureza máxima dos elementos naturais. Terra, fogo, vento e água foram conjuntos reunidos para contrariar o Homem naquele espaço. Este foi seu poço de vingança.

Mas a vida biológica teria outros planos. Em simbiose, em cooperação, com junção mútua, conseguiria reunir aquilo que os deuses Atlantes separaram. Esta é uma dessas histórias, exemplares, de amor e união. De memória perdida no tempo, a vida surgiria do mar, elevar-se-ia ao céu e retornaria à terra, anexando animais e homens em fins comuns, de sobrevivência, adaptação e cooperação contra a fúria dos elementos.

O Voo da Águia

Aquele dia, de 1864, foi glorioso, sim, na defesa da vida. Os pescadores são mestres de um ofício. E todo um ofício é artifício. Tem segredos que só eles conhecem. Estenderam redes no estreito para sustentar os navegantes e caixas largas para servir como sua plataforma, boia de salvação. Inteligentemente, colocaram embarcações fixadas com ancoras na parte sudoeste do estreito para contrariar ventos desfavoráveis que empurravam desafortunadamente as vidas para rochedos mortais.

Tudo foi feito para poupar vidas humanas, a maior riqueza do que era transportado. Os heróis da Vitória foram, tão só, seres humanos comuns inspirados por uma grande ideia, uma percepção de que o género humano pode superar-se. E fazer melhor pela identidade da espécie em que cada um de nós está ligado aos outros.

Conseguiram fazê-lo. Em parte. Não existia glória sem sacrifício, vitórias sem derrotas, vida sem morte. Aos sete marinheiros, navegantes perecidos, somou-se uma vítima mortal dos pescadores. Feridos também houve, felizmente, para a vida humana, sem gravidade ou consequências incapacitantes. A maior parte dos ocupantes da embarcação sobrevivera. Mas bastaria uma para que se diga que um bem precioso foi defendido!

Tempestades mantiveram-se no mar impossibilitando a navegação nos dias seguintes. Os tempos de então não permitiam deslocações acessíveis. Aquele Inverno estava frio e chuvoso. As terras lamacentas acrescentavam perigo ao transporte por caminhos pedregosos. A identificação das vítimas mortais também não foi fácil. Baseava-se em ditos, oralidade e informalidade. Seriam primos de alguém.

O mundo do mar, prático, temporário e expedito era assim. Cada viagem, um sucesso. Cada infortúnio, uma vida. Quando a morte chega, há sempre alguém que escolhe a última morada do defunto. Nesta história trágica, seus corpos teriam de ser sepultados no cemitério de Praia da Vitória.

As cerimónias fúnebres foram realizadas poucos dias depois na Igreja matriz, a mais antiga da vila. A luz da vela iluminava os espaços e apelava aos corações. A torre sineira, incessante a cada hora no apelo ao céu, para que as almas descansassem em paz. Muito sentida a morte do pescador local, um jovem de nome Ezequiel. Ali ficou na terra que o tinha visto nascer há 21 anos. Felizmente, não era casado